

# **Dr. Robert A. Peterson, A Obra Salvadora de Cristo, Sessão 4, Introdução, Parte 4, A História da Doutrina da Expição**

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão 4, Introdução, Parte 4, A História da Doutrina da Expição.

Estamos continuando nosso estudo da história da Doutrina da Expição.

Passamos para Gregório de Nissa. Como eu disse, o motivo dominante no Ocidente era o resgate a Satanás. Gregório de Nissa fez muitas coisas boas.

Este não é especialmente um deles. Ele é um pai oriental, no entanto, mais conhecido por sua notória analogia de redenção com um anzol de peixe iscado em seu grande catecismo. Gregório escreve, a fim de garantir que o resgate em nosso nome pudesse ser facilmente aceito por aquele que o requeria, a divindade de Cristo estava escondida sob o véu de nossa natureza, isto é, a humanidade de Jesus, para que, assim como com peixes vorazes, o anzol da divindade pudesse ser engolido junto com a isca da carne, e assim a luz pudesse desaparecer.

O propósito de Deus era que Cristo fosse transfundido por toda a nossa natureza para que nossa natureza pudesse se tornar divina, resgatada como era da morte. O ponto de partida de Gregório era que a humanidade corrompida precisava de um médico. Gregório considerava a humanidade como legalmente comprada, como uma escrava.

Com base nisso, Gregório questionavelmente infere que o preço do resgate deve ser pago por Cristo ao diabo enquanto o diabo buscava o poder divino de Cristo. O diabo havia enganado a humanidade, então Deus enganou o diabo. Mas a escritura não implica, nunca diz, que o resgate é pago a alguém, nem mesmo a Deus.

Alguém poderia dizer que esse é o caso, mas eu diria assim: a escritura não diz, mas nós insinuamos assim. Certamente, não foi pago ao diabo. O resgate é da escravidão pelo sangue de Cristo para a nova criação e vida em Cristo.

Na verdade, eu acho algo bom nisso. Obviamente há algo ruim nisso, e estou usando um pai oriental para apresentar um motivo ocidental porque era. É tão claro em Gregório de Nissa, embora ele tenha ido muito além dos limites com essa ideia de engano. O que há de bom nisso? A morte de Cristo é um resgate.

Marcos 10:45, o famoso resgate dizendo que nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos. Paulo também se refere a Cristo nas pastorais como dando sua vida em resgate. Então isso está correto.

Pago ao diabo? Não. Enganando deliberadamente o diabo? Não. O diabo é enganado? Claro, por causa de sua própria cegueira e pecado, mas não é isso que está acontecendo aqui.

Gregório e a tradição ocidental do resgate a Satanás estão corretos em considerar a cruz como direcionada a Satanás. Não para pagá-lo, ok, mas a escritura em João 12:31, em João 12:31 Jesus disse, é o capítulo principal discutindo as imagens da expiação em João, agora é o julgamento deste mundo. Agora o governante deste mundo será expulso, e eu, quando for levantado da terra, da terra, atrairei todas as pessoas a mim.

Ele disse isso para mostrar por que tipo de morte ele iria morrer. O governante deste mundo é o diabo, é claro, abaixo de Deus, mas na morte de Jesus, ele seria expulso. Então a cruz é direcionada a Satanás e aos demônios, mas não como um resgate ou algo devido a eles, mas sim como uma destruição deles, como um julgamento para eles.

Colossenses 2:15, como estudaremos mais tarde, Deus zombou dos principados e potestades, fez um espetáculo público sobre eles, e Hebreus 2:14, uma vez que os filhos compartilhavam carne e sangue, Cristo também participou das mesmas coisas, para que por sua morte destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo. Então, certamente, rejeitamos a imagem grotesca de, você sabe, a imagem grotesca de Gregório de Deus atraindo o diabo com a humanidade de Jesus como alguém tentaria pegar um peixe e sob o anzol dourado da divindade de Cristo, o diabo é pego nisso e Deus o puxa, isso é ultrajante. E mesmo o resgate para Satanás não é preciso ou claro, embora partes dele toquem em temas bíblicos.

Orígenes, por volta de 185 a 254, ensinou uma série de temas, incluindo este. A expiação é uma vitória, notavelmente sobre poderes malignos. Orígenes escreveu: Cristo, a palavra e sabedoria eternas, sofreu como alguém que era sábio e perfeito, não importa o que lhes convinha sofrer, que fez tudo para o bem da raça humana.

Não há nada absurdo em um homem ter morrido por causa da piedade, para derrubar o poder daquele espírito maligno, o diabo, que havia obtido domínio sobre o mundo inteiro. Esse é um tema comum nos Pais, e nos ajuda a entender o resgate para Satanás. O diabo havia obtido domínio na queda.

Você sabe, ele enganou nossos primeiros pais, ele os enganou, e em seu pecado, então eles se tornaram obrigados a ele nessa compreensão imprecisa das coisas. Se o

Ocidente tinha predominantemente uma ideia de resgate para Satanás e não o engano grotesco que a acompanha, o Oriente tinha uma noção de deificação predominantemente. Atanásio foi um Pai Oriental que tinha vários temas, um dos quais era a deificação.

Atanásio, por volta de 296 a 373, escreveu sobre a encarnação da palavra, um clássico teológico. Quando ele tinha cerca de 20 anos, meu ditado era que Deus deu dons. Uau.

Um tema principal deste livro é a vitória e o triunfo de Cristo sobre o mal, o tema *Christus victor*. Ele seguiu o relato de Gênesis sobre a queda, concluindo que, como efeito, não deveríamos apenas morrer, mas permanecer no estado de morte e corrupção. Isso é distintamente oriental.

A tradição ocidental segue Santo Agostinho, que disse que estávamos condenados. Era uma linguagem jurídica. Na verdade, Tertuliano entra aqui, contribuindo com parte da terminologia para Santo Agostinho e, mais tarde, para Anselmo.

Mas no Ocidente, a ênfase estava na condenação da queda, do pecado e da condenação. No Oriente, estava na corrupção e na morte, e a deificação supera isso, veja. Citando Atanásio novamente, o grande defensor da divindade de Cristo, que foi exilado cinco vezes por se apegar à divindade de Cristo.

Ele usou argumentos diferentes, alguns melhores, outros piores, da Bíblia. Mas seu argumento mais poderoso foi o argumento soteriológico. Para a palavra, para o filho nos salvar, ele tinha que ser Deus.

Somente Deus pode nos salvar. Se ele não for Deus, não somos salvos. Ele escreveu a palavra percebida que a corrupção não poderia ser eliminada de outra forma que não fosse pela morte.

Foi ao se render à morte como uma oferta e sacrifício, livre de toda mancha, que ele imediatamente aboliu a morte para seus irmãos humanos pela oferta do equivalente. A tradição oriental, da qual Atanásio é um representante maravilhoso, se o Ocidente enfatizasse a cruz, certo? Novamente, de Agostinho. Ele acreditava na encarnação.

Ele acreditava na ressurreição. O Oriente acreditava na crucificação. Mas o Ocidente enfatizou decididamente a cruz, os sofrimentos, o que às vezes é chamado de ideias realistas, os terríveis sofrimentos de Cristo.

O Oriente enfatizou a encarnação e a ressurreição. Atanásio disse que a ressurreição constitui, entre aspas, uma prova muito forte da destruição da morte e sua conquista

pela cruz. Atanásio também enfatizou completamente a graça e a bondade de Deus e o sacrifício substitutivo de Cristo.

Em uma frase memorável, tornou-se famoso. Usado regularmente para explicar a deificação na Igreja Ortodoxa Oriental, Atanásio escreveu que ele de fato, a palavra, assumiu a humanidade para que pudéssemos nos tornar Deus. E ele se manifestou por um corpo para que pudéssemos receber a ideia do pai invisível.

Ele está dizendo que nos tornamos de Deus? Não. Ele está dizendo que participamos da natureza de Deus, não da essência invisível de Deus, mas do que o Oriente chamava de energias de Deus. Ou seja, seus atributos manifestados no tempo e no espaço.

2 Pedro 1:4 foi um texto de prova para toda a tradição ortodoxa oriental, e continua sendo até hoje. O poder divino de Deus nos concedeu todas as coisas que pertencem à vida e à piedade, por meio do conhecimento daquele que nos chamou para sua própria glória e excelência, pelas quais ele nos deu suas preciosas e grandiosas promessas, para que por elas vocês pudessem se tornar participantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção que há no mundo por causa da cobiça pecaminosa. Aqui, você vê a corrupção novamente, e aqui, você vê as próprias palavras, participantes de uma natureza divina.

Parece-me que Tom Schreiner está certo neste contexto, o comentário de Schreiner sobre as Epístolas Petrinas a que me refiro, que não está falando sobre participação no sentido oriental como de mistérios e participação sacramental, mas sim um Deus construindo seus atributos em um sentido de criatura em seu povo enquanto eles se curvam à sua palavra e confiam em seu espírito. Ann Selman Abelard Ann Selman Abelard enfatizou, respectivamente, a visão objetiva da expiação, Ann Selman, e a teoria da influência moral subjetiva. Visão da satisfação objetiva, visão da influência moral subjetiva.

O que queremos dizer com visões objetivas e subjetivas da expiação? Visões objetivas da expiação falam do que Cristo fez por nós fora de nós, certo? Visões subjetivas da expiação enfatizam o que Cristo fez, faz dentro de nós, o que sua cruz fez para nos mover interiormente. Agora, qual é a verdade da questão? A verdade da questão é que ambas são verdadeiras, mas fazer a cruz principalmente ou unicamente interior assim, subjetiva, é tão fraco, e veremos isso repetidamente. Esta parece ser a raiz disso. Abelardo parece dar as raízes disso, e ele sabia de Ann Selman e rejeitou o que ele fez.

Fica complicado, então deixe-me destrinchar um pedaço de cada vez. Ann Selman ensinou a visão da satisfação objetiva, e Abelardo ensinou a visão da influência moral subjetiva. Ann Selman viu quão claramente a expiação estava ligada à Cristologia.

Esse é um ponto maravilhoso. A pessoa e a obra de Cristo andam juntas. Somente Cristo, que é homem e Deus, poderia expiar o pecado do mundo.

Descartar Ann Selman porque ele também se baseou na imagem feudal de seu tempo seria um erro. Todo teólogo, Thistleton nos lembra, tem que considerar pontes hermenêuticas para os leitores de sua época. Ann Selman se tornou arcebispo.

Ele treinou monges. Ele era um professor, e em seu livro mais famoso, *Cur Deus Homo*, Por que Deus se tornou um homem, ele usou um método dialético. Essa palavra tem significados diferentes de teologia.

Nesse sentido, envolve ele fazendo perguntas e obtendo respostas de seus alunos. Agora, o argumento serpenteia entre Ann Selman e Bozo, o aluno representante, o que pode refletir discussões reais que eles tiveram; novamente, o nome pode ser fictício do aluno, mas no monastério. Ele serpenteia, e é cafona porque Bozo dirá, oh mestre, agora vejo a luz, esse tipo de coisa.

Fica um pouco cafona assim. É demais, mas é bom, e às vezes, eles vão por um caminho errado, pegam um caminho errado, e Ann Selman vai trazer o aluno de volta, mas você sabe, me chame de teólogo histórico convicto. É algo interessante, e tem durado.

Ann Selman foi fortemente criticada por todas essas coisas feudais, fazendo satisfação, porque as origens disso estão na vida feudal. Havia o senhor do feudo, e havia os servos, tudo bem, e se você desonrasse, você andasse e desse um tapa na cara do senhor, você estaria em sérios apuros, tudo bem, porque você o desonrou, e isso não deveria ser, e é exatamente isso que Ann Selman diz que fizemos a Deus. Ele usou a imagem de sua própria vida.

Quero dizer, devemos confiar em imagens bíblicas? Claro, mas não é errado usar outras imagens, desde que você as designe como tal. De qualquer forma, foi o que ele fez, e ele considerou o resultado principal como a desonra de Deus. Agora, essa é uma grande melhoria na doutrina da expiação, certo, porque a coisa principal não somos nós, mas Deus novamente, e a obra de Cristo vai influenciar Deus.

Sim, tem repercussões para os seres humanos, certo, mas ele tem um senso de expiação voltado para Deus que é incrível porque até agora, tinha em grande parte uma direção voltada para Satanás, Você está comigo? Então, em vez de resgate para Satanás, que ele rejeitou de imediato, Deus julga Satanás. Ele não o compra. Ele não deve nada a Satanás.

Em vez disso, a obra de Cristo é direcionada ao próprio Deus, uma grande realização, e além disso, *Cur Deus Homo*, com seu método de perguntas e respostas de vai e

vem, foi criticado por ser puramente escolástico, e Anselmo não tem um osso espiritual em seu corpo. Ah, é? Benedicta Ward, uma estudiosa católica romana, Benedicta Ward, as orações e meditações de Santo Anselmo. Leia-as, você vai chorar.

Isso porque a crítica deste *Cur Deus Homo*, ela erra o alvo. É um gênero, uma crítica de gênero falha. Este é o momento de perguntas e respostas escolares.

Perguntas e respostas, diríamos. Orações e meditações. Ó Senhor Jesus Cristo, que nos amou e se entregou por nós, eu me curvo diante de ti e te adoro.

Oh meu Deus, assim, página após página após página. Um homem amou. Ele amou a Cristo. Ele amou sua expiação.

Ele amava seu Salvador. Então, bem, às vezes podemos cometer erros idiotas, e Anselmo não está totalmente certo, mas ele foi uma grande influência e escreveu um dos documentos mais importantes da história da igreja cristã. Vou lhe contar dois lugares onde os reformadores melhoraram seu trabalho.

Mas primeiro, deixe-me dizer que a principal obra de Anselmo, como eu disse, sobre a expiação, foi por que Deus se tornou homem. *Cur Deus Homo*. Anselmo rejeitou a abordagem de recapitulação de Irineu.

Isso foi triste porque é verdade de muitas maneiras. Cristo é o segundo Adão e o autor da nova criação. Mas tudo bem.

Ele rejeitou a abordagem da redenção do diabo de Gregório de Nissa e outros, e um relato da expiação era apenas uma expressão do amor de Deus. Anselmo Abelardo, perdoe-me, chega perto disso, veja. A razão para a encarnação e morte de Cristo é muito mais profunda.

James Denny escreveu um bom livro sobre a expiação, *The Atonement and the Modern Mind*, que é chamado de obra de Anselmo. É o livro mais verdadeiro e grandioso sobre a expiação que já foi escrito. Não sei sobre isso, mas em seu período de tempo, ele nos levou adiante aos trancos e barrancos, combinando a pessoa e a obra de Cristo, mostrando que a divindade e a humanidade de Jesus eram essenciais para a salvação, enfatizando a direção divina da cruz e muito mais. Anselmo busca combinar uma ênfase na graça de Deus com uma ênfase igual na justiça de Deus.

Deus não pode deixar uma ofensa contra sua honra ficar impune, sua honra, sem reparação. Veja, é isso que aconteceria na situação medieval. Você tinha que reparar a honra ofendida do Senhor, fazer reparações, ou você estaria em sérios apuros.

Mas em sua graça, Deus providenciou essa mesma reparação. Anselmo argumenta que somente Deus poderia corrigir o dano que o pecado causou. Se alguém além de

Deus tentasse redimir a humanidade, Anselmo escreve, nesse caso, o homem não teria sido restaurado à dignidade que teria se não tivesse pecado.

Mas há pelo menos duas razões pelas quais somente Cristo pode nos redimir, porque é a vontade de Deus. Anselmo coloca a expiação no contexto do plano de Deus, e Deus nos ama. E porque Cristo é um com Deus, assim como ele é um com a humanidade, Anselmo o chama, veja só, de Deus-homem.

Uau. Isso é exatamente certo. Ele enfatiza que Cristo sofreu a morte livremente.

Lembre-se, eu disse, Isaías 53, a natureza voluntária da expiação de Cristo. Deus não, cito, compeliu Cristo a morrer quando não havia pecado nele, mas Cristo livremente, ele mesmo livremente passou pela morte. A expiação depende de Cristo ser Deus e homem, ser sem pecado e morrer voluntariamente pelos pecados dos outros.

Pecar, diz Anselmo, é a mesma coisa que não dar a Deus o que lhe é devido. Então ele tira principalmente da lei feudal este princípio, citação, não é suficiente para alguém que viola a honra de outro restaurar essa honra, a menos que ele faça algum tipo de restituição que agrade a quem foi desonrado, de acordo com a extensão da injúria e da desonra.

Portanto, os pecadores precisavam dar satisfação a Deus. Na verdade, Anselmo colocou isso como um dilema. Ele disse em latim, *out satisfactio, out poena*, ou satisfação ou punição.

E Deus graciosamente, em vez de escolher punir a humanidade, aceitou a satisfação que seu filho forneceu. Anselmo introduz a frase, é apropriado. Ele escreve que se não é apropriado para Deus fazer algo injustamente ou sem a devida ordem, não pertence à sua liberdade ou bondade perdoar impunemente um pecador que não retribui a Deus o que ele tirou.

Frequentemente, cristãos tradicionais ou conservadores podem ser ouvidos dizendo: Deus deve punir o pecado. Aqueles que seguem uma abordagem subjetiva para a expiação, onde ela basicamente nos afeta principalmente, dizem: por quê? Anselmo tem uma boa resposta. É porque Deus deve, uma necessidade lógica, permanecer consistente com sua própria natureza, sua própria promessa e seu governo do mundo.

Deve não denota compulsão externa. Veremos em reação à ênfase dos reformadores na lei e Cristo pagando a penalidade da lei para perdoar seu povo, eles, alguns dos socinus, dizem que Deus rejeita a lei. E Grotius diz que Deus ajusta, ele diminui a lei.

Não, não acho. Bem, veja, você não está fazendo da lei um princípio externo ao qual Deus deve obedecer? Não, a lei é uma revelação do próprio caráter de Deus. Ele está apenas sendo fiel a si mesmo.

Must não denota compulsão externa. É interno e lógico, como a declaração God cannot lie. A frase it is appropriate exclui qualquer ideia de compulsão externa.

Deus continua soberano. Ele também continua fiel à sua palavra e caráter. Estou passando tanto tempo com Anselmo porque ele merece.

Ninguém, citação, a não ser Deus pode fazer a satisfação. O homem não pode redimir o homem. Ninguém deve fazê-lo, exceto o homem.

Isso é lindo. É necessário que um Deus-homem faça isso. Só Deus pode nos salvar.

Deus tem que nos salvar. A encarnação é necessária. Não é um enfeite.

Não é uma abordagem alternativa para Deus estalando o dedo. Não, Deus teve que se tornar um homem, não por sua causa, mas por nossa causa para nos salvar. Dado o, nós chamamos de, eu não tenho o termo certo, terminologia filosófica, dado o fato de que Deus quis salvar, necessidade consequente absoluta ou algo assim, Deus quis dizer que ele não tinha que querer salvar, mas dando sua vontade para salvar, então isso é uma necessidade.

Não há compulsão para Deus se tornar um ser humano, mas no bom Senhor, a Trindade, tem um grupo sagrado e decide salvar a humanidade ou muitos seres humanos. É assim que tinha que acontecer porque somente Deus poderia fazer expiação e somente poderia, deveria, e somente era apropriado; aí está, essa linguagem novamente, para um ser humano fazê-lo. Eu digo desta forma: somente Deus pode nos salvar, e a expiação foi feita por Deus em carne humana, não apenas carne, mas uma humanidade verdadeira e genuína que é uma de nossa própria raça pagou a penalidade por nossos pecados, e sua humanidade é tão importante quanto sua divindade para nossa salvação.

Jesus Cristo como homem tomou seu lugar na raça de Adão, mas nasceu de uma virgem. Anselmo insiste na unidade da pessoa de Deus e do homem em um único, como uma única pessoa. Ele é sem pecado e, portanto, não é obrigado a morrer, mas o faz voluntariamente para a honra de Deus, livremente para fazer satisfação pelo pecado do homem.

Sua morte, a morte de Deus, o Deus-homem, supera todos os pecados. A morte de Cristo, citação, beneficiou não apenas aqueles que estavam vivos na época, mas também outros. Isso é exatamente Hebreus 9:13. Oh meu Deus.

Como tantas abordagens à expiação, Thistleton sabiamente diz, ela acrescenta percepção e riquezas hermenêuticas ao Novo Testamento, desde que não seja tratada como o modelo exclusivo e abrangente. Ela continua sendo uma das exposições mais importantes do assunto na história da teologia cristã. Amém e amém.

Perfeito? Não. Grande realização? Sim. Mais uma vez, eu digo.

No Ocidente, o resgate a Satanás era uma ideia importante. Não, Anselmo disse, mais profundamente, a obra de Cristo é direcionada ao próprio Deus. Essa é minha própria conclusão duramente conquistada.

E ele o tinha aqui no ano 1100. Espantoso, maravilhoso. Mas seu trabalho poderia ser melhorado, e os reformadores o fizeram.

Eles disseram corretamente que não é a honra ofendida de Deus que é reparada ou satisfeita. É a sua justiça que é satisfeita. O texto, Romanos 3:25-26. Além disso, não é um dilema, nem satisfação nem punição, mas é exatamente a satisfação da justiça de Deus através da punição do Filho na cruz.

Nem satisfação nem punição, mas satisfação divina por meio da punição do Filho de Deus. Abelardo, infelizmente, adotou uma abordagem virtualmente oposta a Santo Anselmo, cuja obra ele criticou. Oh, Abelardo era um gênio, sem dúvida.

Anselmo era um sujeito esperto, mas Abelardo, naquela época, era um palestrante. Felizmente, não é mais assim hoje em dia, mas naquele dia, um palestrante reunia os alunos ao seu redor até que um palestrante melhor aparecesse. E Abelardo viu William de Champeaux dando uma palestra e disse: Posso fazer melhor do que isso. E ele fez e levou seus alunos embora.

Além disso, ele era um professor inventivo, mas estava sempre no limite. E às vezes além do limite. E vamos colocar desta forma.

Você não incorreu na ira de São Bernardo e saiu impune. Bernardo de Clairvaux. E ele fez isso.

Em sua própria vida, ele cometeu algumas trapaças com Heloísa e isso se tornou infame. Tutor da sobrinha do tio e, de qualquer forma, o homem o castrou. Oh, é uma história terrível.

De qualquer forma, em seu ensino, para provocar os alunos a pensar e pensar sobre isso, eles seriam provocados a pensar que as citações dos pais não eram consideradas a Bíblia, mas eram consideradas seis autoridades significativas, certo?

Ele tem uma palavra famosa chamada sic est et non. Sim e não. Ele colocou em duas colunas diferentes, citações dos pais uma contra a outra.

E então ele teve a audácia total de colocar citações de Santo Agostinho contra Santo Agostinho. Ah, Bernardo perdeu a cabeça naquele ponto. Oh, pobre Abelardo.

Ele é frequentemente considerado o principal representante da teoria exemplarista subjetiva ou da influência moral da expiação. Ele tem muito mais do que isso, mas, infelizmente, acredito que seja verdade.

Eu tive que escrever um artigo para estudos de doutorado comparando Anselmo e Abelardo, ou escolhi fazê-lo. E ele tem muitas outras imagens, mas eu vou te dizer por que eu digo que ele é o papai. Não só os conservadores o rotulam assim, mas os defensores da teoria da influência moral da expiação o citam como seu bisavô.

Nossa, cara. Ele foi seguido mais tarde com algumas modificações por Faustus Socinus, um herege terrível, Friedrich Schleiermacher, o pai da teologia moderna, e Albrecht Ritschel, também um teólogo moderno destrutivo. Sinto muito falar francês, mas meu Deus.

Por outro lado, Abelardo foi um filósofo e teólogo sofisticado que escreveu sobre a Trindade, empreendeu exposição e exegese de passagens bíblicas e expôs ética, bem como a expiação. Além disso, seu trabalho sobre expiação foi amplamente confinado a comentários curtos em seu comentário sobre Romanos. É aqui que ele simplesmente se enforca na forca, na minha opinião, especialmente em Romanos 3:19 a 26.

E é inconcebível que esta curta passagem transmita sua visão abrangente do assunto. Concordo. Descobri em seus escritos que a maioria de suas coisas nunca foi traduzida. Esse é um problema enorme.

O comentário de Romanos, pelo menos partes dele, tem sido. Então, ele tem outros motivos. Ele mencionou sacrifício.

Ele menciona redenção. Bem, então, elas não deveriam aparecer em Romanos 3, que mencionou tanto redenção quanto propiciação ou pelo menos expiação? Infelizmente, em sua exposição de Romanos 3:19 e 26, ele certamente está correto às vezes ao dizer que justificado significa não ter méritos anteriores. Ótimo.

Deus nos amou primeiro. Sim. A graça é um dom gratuito e espiritual de Deus.

Amém. E seu sangue significa sua morte. Até agora, quatro por quatro.

Mas sua quinta definição é mais questionável. Ou seja, isso mostra que Deus demonstrou sua justiça no tempo presente. Isso significa seu amor.

Não, não é. Deus demonstrou seu amor para ser justo e justificador daquele que crê em Jesus.

Não creio. Isso mostra seu amor, mas ele mostra seu amor ao expor o sol como propiciação. Ele está reduzindo helasmos , ou helasterion , desculpe-me, propiciação ao amor.

Flui do amor de Deus, mas não é mero amor. Da mesma forma, ele está certo em questionar até onde devemos pressionar o preço do sangue pago por nossa redenção. Mas sua descrição da demanda pelo sangue de uma pessoa inocente como cruel e perversa, a pessoa inocente é Jesus, permanece tristemente aberta a questionamentos.

Novamente, Abelardo está certo ao dizer que ele nos ligou mais completamente a si mesmo pelo amor. Amém. Ele fez uma aliança conosco com o resultado de que nossos corações deveriam ser reacendidos por tal presente da graça divina.

Mas isso é questionável quando ele parece implicar que isso é tudo o que precisamos dizer sobre a expiação do filho de Deus. É por isso que Leon Morris e outros citam este ditado bem conhecido: as teorias da expiação estão certas no que afirmam, mas erradas no que negam. Para Abelardo, o principal era nosso medo e desconfiança de Deus.

A principal função da cruz é trabalhar como uma influência moral, uma demonstração do amor de Deus para quebrar nosso medo e desconfiança de Deus. Temos medo e desconfiança de Deus? Claro. Essa é a principal coisa da expiação? Mudar isso? Não.

Isso muda isso? Sim. Ah, o principal é que Jesus morreu para tirar os pecados pelo seu próprio sangue, e ele morreu para propiciar Deus para que pudéssemos ser perdoados. História triste.

Anselmo é conhecido como o pai das teorias objetivas da expiação, corretamente, perfeitamente, não, mas corretamente. Tendo feito grandes avanços na área, Abelardo é conhecido como o pai da teoria moderna, de influência moral ou exemplarista . Jesus é apenas um exemplo, ou principalmente um exemplo.

Jesus é um exemplo? Sim. Eu conto 10 lugares no Novo Testamento onde ele é um exemplo para os cristãos somente em sua morte. Ele é alguma vez o exemplo de como se tornar um cristão? Não.

Veremos isso em uma das respostas aberrantes aos reformadores. Não. Jesus, toda vez, todas as 10 vezes, o exemplo de Jesus está no contexto, não de como você se torna um cristão, mas de como você vive a vida cristã.

Nós seguimos o exemplo dele. Essa é a principal coisa da expiação? Não. Não é expiação de forma alguma.

É santificador. É promover a vida cristã para aqueles que participaram de sua expiação pela graça através da fé. Reforma, Lutero, Calvino, e então o desviado Socinus, você verá, ele negou o pecado original e a divindade de Cristo.

Que tipo de visão da expiação você vai ter depois disso? Uma muito defeituosa. Grotius não é tão ruim, mas a teoria governamental da expiação não é boa. Tenho uma história engraçada para contar sobre isso, mas ainda não.

Há Lutero, de 1483 a 1546. Ele tem uma quantidade enorme de material relacionado à cruz. Mas é difícil oferecer uma interpretação coerente.

Calvino foi um sistematizador nas Institutas. Lutero foi um grande pregador. Calvino foi um pregador o tempo todo, também, mas Lutero não foi tão sistemático quanto Calvino.

E isso é tanto uma força quanto uma fraqueza. Eu amo os dois. Em Lutero, a obra de Cristo está sempre intimamente ligada à justificação pela graça por meio da fé.

Gálatas 3:13 diz, Cristo nos redimiou da maldição da lei, tornando-se maldição por nós. Ele escreveu, Cristo nos libertou da maldição da lei. A graça não é uma resposta de amor, mas uma causa dele.

O amor de Deus cria o objeto de seu amor. A graça de Deus iniciou a obra expiatória de Cristo. Isso é exatamente certo.

Calvino ensina exatamente a mesma coisa. Muitas vezes, em dependência de Lutero, não era costume na época da Reforma dar crédito aos seus contemporâneos. No grande catecismo de Lutero, ele escreveu que, como Redentor, ele nos trouxe de Satanás para Deus, da morte para a vida e do pecado para a retidão.

Ele sofreu, morreu e foi sepultado para que pudesse fazer satisfação por mim e pagar o que devo. Observe a dimensão pessoal. Não com prata e ouro, 1 Pedro 1.18.19, mas com seu próprio sangue precioso, para se tornar meu Senhor.

Gustav Aulen escreveu o livro, *Christus Victor*, estava certo ao insistir que Lutero enfatizasse a vitória e a derrota, a vitória para Jesus e seu povo, e a derrota para o diabo e seus demônios em sua teologia da expiação, mas errado ao subestimar a

ênfase de Lutero no sacrifício, expiação e substituição. Na verdade, no livro *The Theology of Martin Luther*, Paul Althaus, um famoso estudioso alemão, Paul Althaus diz corretamente que Lutero tem duas visões dominantes da obra de Cristo, e é difícil decidir qual delas é maior, mais importante, qual delas predomina. *Christus Victor*, substituição penal.

Isso é exatamente certo. Ele os tem até mesmo interligados, do jeito que a Bíblia faz. A Bíblia combina seus próprios temas, e podemos retirá-los para examiná-los, mas então devemos juntá-los novamente.

Eu estava apenas antecipando parte da crítica da minha própria disciplina, a teologia sistemática, que terá que esperar até amanhã, mas é verdade. A sistemática é uma grande virtude, pois desmonta as coisas e as coloca diante de nós, e os ajuda a olhar e examiná-las. Então, quem poderia compreender todos os detalhes do estudo da pessoa de Cristo e da obra de Cristo de uma só vez? Então, nós pegamos, nós estudamos a pessoa de Cristo, e nós estudamos sua pré-existência, e sua encarnação, e sua divindade, e sua humanidade, e sua unipersonalidade, e seus dois estados, e nós estudamos a obra de Cristo, seus eventos, as imagens que interpretam esses eventos, seus três ofícios, e assim por diante, mas então é melhor juntarmos essas coisas novamente, porque as mesmas passagens que ensinam a pessoa de Cristo, ensinam a obra de Cristo.

Então, a sistemática pode ser útil, mas é perigosa. Não é um fim em si mesma. Então, Tony Thistleton está correto em criticar Gustav Aulen em seu livro épico, *Christus Victor*, por dizer que Lutero apenas ensinou *Christus Victor*.

Não. Ele igualmente ensinou substituição penal legal. Ouça os escritos de Lutero, sermão na Sexta-feira Santa, em Lucas 24:36 a 47.

Sermão da Sexta-feira Santa, Lucas 24:36 a 47. Citação: se a ira de Deus deve ser retirada, e eu devo obter graça e perdão, alguém deve merecer isso, pois Deus não pode perdoar a punição e a ira a menos que o pagamento e o sacrifício sejam feitos pelo próprio Filho de Deus. Isso não é meramente *Christus Victor*, meus amigos.

Isto é *Christus Victor*, e teologia legal, onde Cristo paga a penalidade por nossos pecados. João Calvino, 1509 a 1564, a principal diferença entre Lutero e Calvino não era de substância, mas de coerência e sistema. Os capítulos 12 a 17 do livro das *Institutas* de Calvino expõem a obra de Cristo como mediador, profeta, sacerdote e rei.

Esses são os capítulos da minha dissertação de doutorado. Livro dois, 12 a 16, ou neste caso, ele está dizendo incluindo 17. Cristo é um mediador.

Essa é uma maneira bíblica e calvinista de dizer pessoa e obra. Cristo é mediador, e ele é profeta, sacerdote e rei. E Calvino enfatiza a participação de Jesus na natureza humana.

Calvino enfatizou claramente a necessidade da encarnação e ensinou claramente a substituição penal. Ele escreveu, entre aspas, que um homem que, por sua desobediência, se perdeu deveria pagar as penalidades pelo pecado. Consequentemente, nosso Senhor veio como verdadeiro homem e tomou a pessoa e a natureza de Adão para tomar o lugar de Adão na obediência ao Pai, para apresentar nossa carne como o preço da satisfação ao julgamento justo de Deus, e na mesma carne para pagar a penalidade que merecíamos.

Na mesma seção, Calvino argumentou que, entre aspas, já que nem Deus sozinho poderia sentir a morte nem o homem sozinho poderia superá-la, ele uniu a natureza humana à divina para expiar o pecado. Ecos de Santo Anselmo, pode apostar, pode apostar, e realmente do apóstolo Paulo. Calvino discutiu os ofícios de profeta, sacerdote e rei em seções separadas, mas sempre em relação à expiação de Cristo.

Como sacerdote, Jesus Cristo abre o acesso a Deus, um tema paulino, porque a maldição justa de Deus atrai nosso acesso a ele. Mas Cristo para executar seu ofício veio à frente com um sacrifício. Por esse sacrifício, ele limpou nossa culpa e, cito, fez satisfação por nossos pecados.

Citação, a culpa que nos tornou passíveis de punição por punição foi transferida para a cabeça do Filho de Deus. Devemos, acima de tudo, lembrar de sua substituição, para que não tremamos e permaneçamos ansiosos por toda a vida. Entre as razões de Calvino para expor a substituição penal está a maravilhosa garantia de reconciliação com Deus, que esta doutrina traz.

Ele disse, ele escreveu, citando, se o efeito do seu derramamento de sangue não é, é que, desculpe-me, é que nossos pecados não são imputados a nós, segue-se que o julgamento de Deus foi satisfeito por esse preço. Não há contradição para Calvino entre a misericórdia de Deus e sua justiça. Cristo, citando, tomou a punição sobre si e com seu próprio sangue expiou os pecados daqueles que tornaram a humanidade odiosa a Deus, e devidamente propiciou a Deus Pai.

Com base nisso, Cristo fundou a paz entre Deus e o homem. Calvino, seguindo Paulo, enfatiza que a graça e o amor de Deus iniciaram o processo de redenção e expiação. Continuaremos, se Deus quiser, nosso estudo da história da doutrina da expiação como um prelúdio para estudar os eventos bíblicos de Cristo e as imagens bíblicas em nossa próxima hora, olhando para os hereges, Socinus, é a única palavra que posso usar, e o teólogo holandês que é melhor, mas ainda não completamente kosher, digamos, Grotius.

E então, passaremos para o período moderno. Obrigado pela sua boa atenção e que Deus o abençoe.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão 4, Introdução, Parte 4, A História da Doutrina da Expição.